

A PRF-3 TV Tupi continuava a manter às segundas-feiras às 21:45 h. o Grande Teatro. A TV Record, quase no mesmo horário, numa produção mais modesta e com duração de apenas uma hora, levava ao público, por sua vez, o Teatro Cacilda Becker, que passara a ser apresentado nesse canal. Embora houvesse ainda — principalmente na TV Tupi — uma barreira, por assim dizer, entre o artista de teatro e o de rádio/televisão, alguns atores teatrais lograram romper este distanciamento. Entrosando-se melhor com o pessoal da televisão, adaptaram-se a esta e suas respectivas técnicas, terminando mesmo por aderir ao vídeo. Entre estes, destacando-se cada vez mais, encontrava-se Jaime Barcelos que, em novembro de 1955, interpretara com grandes elogios o papel-título de Bocage, telenovela de Dionísio Azevedo, já levada anteriormente no rádio, a qual focalizava a vida e os amores do famoso poeta português. Maria Fernanda, que em 1956 interpretaria o cobiçado papel de Scarlett O'Hara na adaptação para telenovela do romance E o Vento Levou de Margaret Mitchell, realizada por Dionísio Azevedo, foi outra atriz de teatro que aderiu à televisão participando, em fins de 1955, de uma série de espetáculos no Grande Teatro.

Esta invasão da televisão pelo teatro e o contraste entre os elementos vindos do segundo e os profissionais da primeira foi objeto do seguinte comentário da revista 7 Dias na TV: "O Teatro está invadindo, lenta e paulatinamente, o novo setor artístico que é a TV. Até aí nada de mais, pelo contrário, pois o telespectador pode assistir de sua casa, muito bem acomodado, de chinelos, em sua poltrona preferida, a representação do seu elenco favorito. Apenas temos uma ressalva a fazer: seria interessante que os conjuntos teatrais se esquecessem do palco, quando se apresentam no vídeo, pois a TV, como todas as artes, tem também sua linguagem própria, diferente de todas as outras." (35)

O ano de 1956 assistiu a uma das felizes "coincidências" a que Durst aludiu, quando então se juntavam "um bom texto, principalmente brasileiro" que favorecesse "o elenco masculino" e, finalmente, "uma boa direção de TV". Esse momento, que historicamente se constituiu num marco dentro da história do TV de Vanguarda, se deu com a transmissão, em 4 de março, de Calunga, de Jorge de Lima, em adaptação de Walter George Durst.

O êxito do espetáculo foi total. A beleza do texto de Jorge de Lima, a adaptação de Durst, a direção de Cassiano Gabus Mendes, a interpretação de atores e atrizes, a cenografia de Alexandre, bem como o trabalho de somoplastia, iluminação e câmeras, conseguiram tal coesão e identificação, que o TV de Vanguarda, naquele momento, alcançou a consagração máxima dentre todos os êxitos até então conseguidos. E o mais importante: talvez tenha sido o primeiro grande espetáculo da televisão brasileira com uma linguagem própria compatível com o veículo. Guilherme de Almeida, que assinava a coluna Ontem — Hoje — Amanhã, no Diário de São Paulo, não escondendo seu entusiasmo, escreveu sobre a transmissão de Calunga: (Foto 19)

Março, 8

"Bem no centro de um triângulo equilátero e, pois, equidistante dos três ângulos — teatro, cinema e rádio — que o formam, está a televisão narrativa. Assim dividido, seu tríplice campo sujeita-se — é evidente — a inevitáveis limitações. Têm que faltar-lhe, por exemplo, a comunicativa proximidade entre palco e platêa, com que conta o teatro; a incomensurável liberdade de cenários e movimento, de que dispõe o cinema; e a capacidade de provocar excitantemente a imaginação, pela falta da imagem material, de que se serve o rádio.

Apesar de tais reduções, e sendo embora uma arte apenas recém-nascida, a televisão narrativa já é capaz de revestir-se das insígnias da consagração: alto nível artístico e aceitação geral. Pelo menos...

... pelo menos entre nós (não conheço ainda os congêneres estrangeiros) muitos espetáculos televisionados têm reclamado e merecido o mais caloroso aplauso. Não tenho escrúpulo, acanhamento, vergonha, pudor (ou que outro nome se queira dar a certa espécie de covardia) de confessar que algumas realizações de teledrama ou telenovela, a que tenho assistido, são, por enquanto, para mim, muito, muitíssimo superiores a tudo o que têm feito o teatro e o cinema nacionais. Citarei por exemplo... a peça oferecida, na noite de domingo último, pela TV de Vanguarda, do Canal 3. Que comovedor esforço! E que consolador triunfo!

Transposição para o vídeo do romance Calunga (1936) de Jorge de Lima, redundou esse admirável trabalho num espetáculo do mais vigoroso poder emotivo. Uma naturalidade (como é difícil ser natural!) interpretativa, de jogo cênico, dialogação e dicção, que o nosso teatro ainda não conseguiu. Uma síntese dramática, uma 'continuidade' e uma 'iluminação' que o nosso cinema nunca alcançou. Uma técnica do som (fundo musical, arte dos ruídos, transmissão vocal etc.) de que o nosso rádio se pode plenamente orgulhar. A verdade tremenda que encerra a violenta e substancial história nordestina contada pelo esplêndido Jorge de Lima, e os inspirados e heróicos responsáveis — todos eles — pela sua real realização ante as objetivas da TV, estão a afirmar e provar que já existe, no Brasil, uma arte de vanguarda. Calunga é o seu porta-estandarte." (36)



Foto 19) Henrique Martins, Norah Fontes, Lima Duarte, Dionísio Azevedo em Calunga (4.3.1956).  
TV de Vanguarda — TV Tupi — São Paulo  
Foto/Arquivo de Dionísio Azevedo

(35) Invasão, 7 Dias Na TV, nº 169, novembro de 1955, p. 4.

(36) Calunga, Coluna Ontem—Hoje — Amanhã, Diário de São Paulo, 8 de março de 1956.